

UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA E DO MEU POVO

Letícia Krahô

leticiaakraho@hotmail.com

Aprendi que as sociedades ao longo da história e, de acordo com as regiões, se organizaram de diferentes formas para prover as necessidades básicas da vida, se reproduzir e conferir sentido à existência. Essa diversidade pode ser entendida sob a flexibilidade comportamental, por exemplo, o fato de que a maior parte daquilo que fazemos não está determinada pelo homem.

Não há sociedade humana sem organização social, sem formas de ordenar as relações entre as pessoas, de tomar decisões. Essas diferentes formas não são em si, o meio social específico, aprendemos a pensar de acordo com ideais, valores e princípios desse meio e a nos comportar segundo as normas sociais que aí prevalecem. Sou originária do povo Krahô, que se autodenomina Mehi, e cuja língua falada é Jê, do tronco Macro-Jê. Os mehi são reconhecidos como povo Timbira, e a área Terra Indígena (T. I.) Kraolândia está localizada no município de Goiatins, estado do Tocantins (TO). Os primeiros contatos dos Krahô com a população de origem portuguesa aconteceram no final do século XVIII. Naquele período eles viviam no sul do Maranhão, próximo ao rio Balsas e seus afluentes, na região de Pastos Bons (RIBEIRO, 1841). Hábeis guerreiros, eles resistiram por muito tempo à invasão de seu território. Porém, dali foram expulsos pelos criadores de gado que cobijavam suas terras (CABRAL, 1992). No início do século XIX, uma de suas aldeias foi atacada por vinte soldados e cento e cinquenta voluntários paisanos.

Somos um povo que tem um passado difícil, devido a conflitos com os não indígenas, nós perdemos muitos familiares. A história da minha família não é nada fácil, uma história de muita luta e resistência mesmo, pois na época não tinha nenhum órgão de apoio e o acesso à cidade era difícil e não tinha escola de não indígena nas aldeias. Mais com tudo isso minha mãe se interessou por estudar e assim levou essa vida de estudante indígena e hoje professora, mas nossos maiores conhecimentos vêm repassados de nossas avós.

Minha mãe é professora, meu pai era cacique e professor. Nasci na aldeia Galheiro e com quatro anos mudamos para aldeia Nova Krintuw. Desde então cresci com outras ahkrajrê (crianças) ouvindo e aprendendo todos os hábitos, os princípios do povo Krahô. Sempre valorizei os conselhos que os pais davam.

Fui uma adolescente que gostava de ler. Tinha acesso aos livros dos meus pais e sempre tentava aprender a língua portuguesa, minha segunda língua, assim como meus pais. Sempre admirei o respeito que eles tinham das pessoas. Não larguei minhas raízes na aldeia, pois foi de minha família que tirei forças e coragem para mudar para a cidade e obter conhecimentos da sociedade dominante não indígena.

Sempre procurei estudar. Comecei a estudar na aldeia tardiamente, mas logo fui estudar em um centro de treinamento só para os indígenas (Pinxwyj Hempejxá) em Carolina-MA. A Escola Timbira já vem sendo parcialmente implementada, e em forma experimental, em algumas das aldeias Timbira. Mas é fundamental o seu reconhecimento pelas instâncias governamentais responsáveis pela condução das políticas educacionais nas áreas indígenas. A importância deste reconhecimento não só por um direito adquirido, mas fundamentadamente por reforçar a identidade Timbira entre os 6 povos, Krahô, Apinajê, Krikati, Pykobjê, Apâniekra e Ramkokamekra. (Ladeira, 2000).

Depois do nono ano, tive que mudar para a cidade de Goiatins, a 70 km da Aldeia Nova, para terminar o ensino médio. Em Goiatins eu morava com minha irmã mais nova, os nossos pais moravam e trabalhavam na aldeia e sempre

Gerações



Fonte: Arquivo próprio das fotos que eu tirei na aldeia, para o meu trabalho de Mestrado. Cada uma mora numa aldeia e esse dia a gente consegui se juntar e eu acho essa foto muito linda. Eu, Letícia Jôkâhwyj Krahô; minha mãe Creuza Prumkroi Krahô; minha avó Naïmar Tuhhóc Krahô; minha bisavó Francelina Kwrymkwyj Krahô.

que podia vinham nos visitar, com algumas dificuldades terminei o curso.

Meus pais sempre me incentivaram muito. Em 2010 perdemos o nosso pai e não tive condições de fazer mais nada. Bom, tempo depois fiz vestibular na Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Araguaína, para o curso de história, e passei. Foi uma nova jornada na minha vida, morar longe de minha família, mas estava feliz por estar numa faculdade cursando história.

Minha pesquisa tem a ver com as histórias de meu povo. Nós Krahô acreditamos que as histórias, que deram origem ao nosso povo, são “verdadeiras”, uma vez que as vivemos por meio dos saberes da tradição oral e da manifestação dos diversos ritos que dão origem e vida a esse povo.

Sempre quis saber, ter conhecimento de onde viemos, qual nossa origem, e por que viemos parar aqui nessa situação. São muitos motivos que me fazem cada vez mais me interessar e investigar as fontes sobre meu povo. Na aldeia, em momentos oportunos, faço perguntas sobre nossa origem para os mais velhos que são nossos sábios e cuja comunicação não é escrita, e sim oral. Gosto muito de ouvir as histórias dos mais velhos, fazer pergunta para eles.

Temos dificuldades em nos manter na vida acadêmica, por vários motivos: os financeiros, as saudades da família e por sofrer preconceito. Mesmo assim, nós mehi, que temos interesse em representar a comunidade e a cultura, não pensamos duas vezes em deixar a comunidade e ir viver com os cupês (não indígena) na cidade.

A faculdade como uma esfera pública, aos poucos está aderindo às demandas de ingressos dos indígenas. Temos, entretanto, muito que conquistar ainda. Muitos desafios a enfrentar. Estar na universidade é lutar pelo direito indígena à escolarização. Na universidade aprendemos a ter uma visão diferente do comum. Isso nos abre espaço para novos desafios. Ainda são poucos os espaços conquistados nas universidades. As oportunidades possíveis aos mehi não podem passar em branco, pois são oportunidades para mostrarmos nossas culturas, nossos conhecimentos e aprendermos novos conhecimentos. Assim ajudamos nossas comunidades que seguem em situação vulnerável por conta de conflitos com a sociedade dominante. Este texto para a revista visa descrever um pouco da história do povo Krahô, cuja autodenominação é mehi, é um dos povos Jê que habita o cerrado brasileiro, na região centro-leste do estado de Tocantins.

Um dos traços mais marcantes da cultura Krahô é a manutenção de nossas narrativas relacionados à memória, a vida social, econômica e espiritual, apesar do seu longo período de contato com a sociedade dominante não indígena o povo indígena Krahô ainda mantém seus

Foto da Aldeia



Fonte: MIRANDA (Arquivo pessoal, 2011).

costumes.

São ocupantes da maior área preservada de cerrado do Brasil. Um das tradições ainda preservadas do meu povo e a forma e o local de moradia a aldeia. Sempre ficam perto de rios em lugares altos do cerrado.

Deste contexto sociocultural e linguístico, os Krahô estão localizados nas terras indígenas conhecidas como Kraolândia, localizadas nos municípios de Goiatins e Itacajá, Região Norte do estado do Tocantins, conforme mostra a imagem abaixo. Aldeia é de formação circular, a partir da cosmologia mística de que foi o Sol que deu a estrutura física para o povo mehi. Conta a história que o sol desceu até a terra e organizou a aldeia nesse formato considerando o seu próprio formato circular.

As casas estão dispostas na circularidade, de modo que o morador de qualquer casa tenha uma visão do todo da aldeia. Segundo essa história mística, os mehi originaram da cabaça. O Deus Sol colocou as cabaças na água e falou daqui sai só mulheres e das outras saíam os homens, assim no dia seguinte já com a aldeia feita os mehi começaram a chegar e cada um ia para sua casa como ele destinou.

Quando ingressei na faculdade meu curso me abriu novos horizontes, eu passei cinco anos cursando história em licenciatura, contando com as greves que fizeram muitos dos meus colegas desistirem. Passei por dificuldades, minha irmã mais nova foi morar comigo em Araguaína, pois minha dificuldade de morar sozinha era muito grande.

Eu estudava a noite e pegava dois coletivos e com muito medo de andar sozinha a noite na cidade grande eu lembrava minha família e seguia firme. Depois formei e logo por influência de minha mãe me interessei de fazer inscrição na pós-graduação em antropologia social na Universidade Federal de Goiás (UFG). Sempre queria fazer mestrado nessa área das humanas.

Fui pela primeira vez a Goiânia acompanhada pela minha mãe, fazer as provas, ingressei na Universidade Federal de Goiás, em 2017, no programa de Pós-graduação de ciências sociais, fui bem acolhida pelas pessoas umas eu conheci através de minha mãe, Prum krahô. Os primeiros dias foram de adaptação com tudo, inclusive a falta da família, eu me lembro de que quando entrei na sala de aula da minha turma,

me deu vontade de ir embora, mais respirei e pensei comigo mesma vou tentar não só por mim mais por minha família. Entrei fui sentar no canto, pois não sabia como reagir, fiquei lá quando o professor chegou foi logo conversando com a gente e eu ali ainda apreensiva, quando ele começou falar dos grandes teóricos Ingleses, Franceses eu não estava entendendo nada, pois tudo que ele fala eu não tinha conhecimento algum, tudo era novidade para minha mente.

Fui tentando anotar tudo que ele escrevia ou falava às vezes eu ficava com vergonha de perguntar por que poderia fazer pergunta errada e os colegas rirem de minha pessoa. Os dias foram passando e eu fui me adaptando com o ambiente, assim continua os obstáculos e dificuldades que só nos fortalecem.

Tem muita história, mas eu quis escrever esta.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado. Conquista e ocupação do sul do Maranhão.** São Luis, SIOGE, 1992.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Memória sobre as nações gentias que presentemente habitam o Continente do Maranhão: analyse de algumas tribus mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes : causas que lhes tem difficultado a reduçção, e unico methodo que seriamente poderá reduzil-as. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.** Tomo 3º., n. 10, p. 184-197; n. 11, p. 297-322; n. 12, p. 442-456. Rio de Janeiro. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/ribeiro-1841-memoria/ribeiro_1841_memoria.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.